

## O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO ANAFÓRICA EM TEXTOS ESCRITOS: UMA ANÁLISE NO NÍVEL SUPERIOR

Maria Emurielly Nunes Almeida (UERN)

[emurielly\\_almeida@hotmail.com](mailto:emurielly_almeida@hotmail.com)

Josinaldo Pereira de Paula (UERN)

[jnaldo@r7.com](mailto:jnaldo@r7.com)

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UFRN/UERN)

[lidmoraes@yahoo.com.br](mailto:lidmoraes@yahoo.com.br)

### Introdução

O presente trabalho decorre de um projeto de pesquisa intitulado “A construção de referentes anafóricos em textos escritos: uma análise no nível superior”, do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), executado entre agosto de 2011 e julho de 2012. Justifica-se, também, a partir de um interesse inicial em investigar os recursos disponíveis na escrita e utilizados pelos produtores de texto, especificamente, no ensino superior, como forma de buscar compreender o modo de realização dos processos referenciais, visando, em consequência disso, a construção de um diagnóstico sobre a produção de textos no âmbito acadêmico.

Sendo assim, temos como principal objetivo, para esta pesquisa, a análise de textos produzidos por alunos do 1º período do curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, do *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da UERN, na cidade de Pau dos Ferros – RN, na disciplina Produção Textual, no semestre 2011.2, no tocante particularmente ao emprego da anáfora, a fim de apresentar uma categorização que classifique as expressões anafóricas empregadas, a partir da regularidade apresentada nos textos analisados.

Nesse sentido, nossas bases teóricas procedem dos estudos linguísticos, mais especificamente, da Linguística Textual, no que se refere, especialmente, à referenciação anafórica, representadas pelos seguintes autores: Cavalcante (2012); Antunes (2010); Koch (2004a); Koch, Morato, Bentes (2005); Koch (2004b); Cavalcante *et al* (2003), que, juntamente com outros estudiosos da área, trabalham na investigação dos processos de referenciação utilizados pelos autores em seus textos, o que se configura em uma questão importante para as correntes teóricas que se preocupam com a produção do sentido e abrange um campo importante de estudos da Linguística Textual.

O *corpus* desta pesquisa constitui-se de dezenove textos escritos pelos alunos do 1º período do curso de Letras, do CAMEAM/UERN, coletados durante o semestre 2011.2, durante as aulas da disciplina Produção Textual. Inicialmente, realizamos uma primeira leitura procurando observar a presença da anáfora nesses textos. Em seguida, elaboramos tabelas para identificar as ocorrências e os tipos de anáforas, a partir das quais interpretamos nossos dados em busca de explicações para o emprego das retomadas anafóricas nos textos.

Este trabalho divide-se em quatro seções. Em um primeiro momento, discutimos a teoria da Linguística Textual, como também a Referenciação. Em seguida, apresentamos nossas categorias de análise a partir de uma classificação proposta para a referenciação anafórica. Na sequência, discutimos nossos dados, apresentando a regularidade das formas nominais anafóricas empregadas, em busca de explicações que justifiquem a utilização deste recurso na escrita. Por fim, nas Considerações Finais, sintetizamos os resultados obtidos e mencionamos algumas contribuições e perspectivas de aplicação para o estudo.

## 1. Linguística Textual e Referenciação

Inicialmente, trazemos a discussão sobre a teoria da Linguística Textual que se constitui no ramo da Linguística que tem como objeto de estudo o texto sob suas múltiplas visões. Segundo Koch (2004, p. 22), caberia à Linguística Textual a seguinte designação:

[...] desenvolver modelos procedurais de descrição textual, capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a interação dos diversos sistemas de conhecimentos dos parceiros da comunicação na descoberta de procedimentos para a sua atualização e tratamento no quadro das motivações e estratégias da produção e compreensão de textos.

Com esta colocação, a autora quis nos mostrar que a Linguística Textual tem como uma das suas principais funções a descrição textual que se constitui em um processo capaz de realizar descrições sobre as propriedades que compõem um texto, permitindo, desse modo, que os parceiros da comunicação consigam se entender mutuamente. A Linguística Textual também nos permite realizar procedimentos para que um texto consiga se efetivar e que seus leitores e ouvintes possam realizar a sua compreensão no evento comunicativo.

Para definir seu objeto de estudo, a Linguística Textual tem trazido vários conceitos sobre o que seja um texto, cada um deles vinculado a uma diferente perspectiva teórica. Atualmente, o texto é visto como um evento comunicativo, no qual há algum tipo de interação entre os sujeitos que o constroem. Para a sua construção, de acordo com Cavalcante (2012), levamos em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural no qual os sujeitos encontram-se inseridos.

Sabemos, ainda, que o texto pode se efetivar de diferentes maneiras, entre elas, estão a forma oral e a forma escrita. Nesta pesquisa, temos como foco o texto escrito que tem como propriedades: a *coesão*, que são os elos que interligam o texto; a *coerência*, que é definida como a unidade de sentido do texto; a *informatividade*, que se refere ao grau de novidade que o texto apresenta pode ser no seu conteúdo ou na sua forma; a *intertextualidade*, que é constituída pelo poder que os textos possuem de se referirem a outros textos. Os textos apresentam também, segundo Antunes (2010), condições de efetivação como a *intencionalidade*, a *aceitabilidade* e a *situacionalidade*.

No que se refere à função dos textos no processo comunicativo, segundo Marcuschi (2008 *apud* CAVALCANTE, 2012, p. 18), “o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua”, ou seja, o texto é o que faz com que a língua possa se efetivar, fazendo com possamos interagir enquanto usuários de uma determinada língua. Dessa forma, não importa a extensão do texto, pois palavras como “Socorro”, “Silêncio”, desde que empregadas em um contexto adequado, no qual ocorra a comunicação, são consideradas textos. Assim, o que faz com que um texto seja um texto, de acordo com Cavalcante (2012), é um conjunto de fatores que podem ser acionados pelos escritores ou falantes para cada situação de interação.

Como um dos fatores que contribuem para a construção de sentido de um texto, citamos a referenciação, que tem como objeto de estudo a capacidade que a língua possui de nomear tudo que está a sua volta. Para Rastier (1994 *apud* CAVALCANTE *et al*, 2003, p.19) referenciação seria a “relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”, o que significa dizer que a referenciação diz respeito à capacidade que a linguagem possui de realizar a ligação entre o objeto concreto e a sua significação. Nesse sentido, observemos a definição de referenciação proposta por Zamponi (2005 *apud* KOCH, MORATO, BENTES, 2005, p. 173):

Quando referimos, realizamos um ato de designação por meio da língua. Mas a questão da referenciação não se esgota nessa constatação. Para a questão da referenciação, é necessário ir mais longe. É necessário ponderar que todo ato de referência não se dá fora do tempo, do espaço e de uma relação interlocutiva. Em outras palavras, é necessário ponderar que a referenciação não ocorre no vácuo e não se restringe apenas à atividade do locutor, que não escolhe solitariamente as expressões referenciais.

Com esta afirmação, a autora esclarece que só o ato de designação por meio da língua não basta para que se constitua a referenciação. Dessa forma, para que a referenciação ocorra, é necessário que o emissor esteja situado em um tempo e um espaço que serão os mesmos de seu receptor na hora da realização da troca comunicativa. Assim, a referenciação não ocorre do nada, pois sempre que estamos nos comunicando, realizamos enunciados utilizados por outros, que os impuseram como sendo certos, antes que nós pudéssemos utilizá-los, por essa razão Zamponi (2005) nos diz que não escolhemos solitariamente as expressões referenciais que utilizamos no momento da comunicação.

Portanto, é através da referenciação que conseguimos designar os objetos a nossa volta, é por meio dela que conseguimos construir nossos objetos de discurso. É importante mencionar também que quando utilizamos uma retomada referencial, ou seja, no momento em que utilizamos um novo elemento para retomar outro exposto anteriormente, realizamos o processo da correferenciação, o que implica uma ligação entre os elementos envolvidos nesse processo.

Ainda no que diz respeito à referenciação, constatamos que ela não vai tratar apenas da nomeação, sua significação está além disso. Sobre essa questão, Koch (2005 *apud* KOCH, MORATO, BENTES, 2005, p. 34) nos mostra que “[...] ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas [...]”. Com isso, a autora aponta a referenciação para um sentido mais social, mais ligada ao escritor/falante que é quem vai tratar de realizar essa ligação entre as palavras e as coisas designadas por elas. Assim, afirmamos que a referenciação é elaborada no contexto social, depois repassada por todos que com ela mantêm contato, até o dia em que é absorvida por todos.

Ao estudar a progressão referencial, Marcuschi e Koch (1998 *apud* KOCH, MORATO, BENTES, 2005, p. 226-227, grifo da autora) trazem uma questão intrinsecamente ligada aos estudos referenciais que diz respeito à anáfora quando:

[...] colocam em foco os processos fóricos do texto, conferindo um sentido amplo à *anáfora*, como relação entre dois elementos textuais – o que engloba e ultrapassa a definição tradicional de anáfora como estratégia de retomada, em geral pronominal, de um item lexical colocado anteriormente no texto, com co-referencialidade entre os elementos em relação.

Diante disto, constatamos que a anáfora não se resume, como muitos têm acreditado, ao uso de um pronome para a substituição de um termo utilizado anteriormente, ela engloba muito mais que isso, uma vez que tudo que está no texto e é exposto a uma remissão por uma expressão utilizada anteriormente é considerada uma anáfora, sendo assim, ela pode efetuar-se por meio de um sinônimo, hiperônimo, uma descrição nominal etc. Sobre a anáfora, trataremos de forma mais detalhada na seção seguinte, momento em que também apresentaremos as categorias de análise utilizadas na discussão de nossos dados.

## 2. Referenciação anafórica: categorias de análise

Nesta seção, discutiremos as expressões referenciais anafóricas, principal foco desta pesquisa. A interpretação referencial da anáfora consiste, segundo Koch (2005 *apud* KOCH, MORATO, BENTES, 2005, p. 36), “[...] não simplesmente em localizar um segmento lingüístico no texto (um ‘antecedente’) ou um objeto específico no mundo, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva.” Com isso, a autora quis nos dizer que os elementos anafóricos não se referem somente a antecedentes utilizados anteriormente no texto e sim a toda e qualquer informação que o leitor traz em sua memória que pode e deve surgir no momento da leitura.

Dessa forma, a retomada anafórica ocorre quando uma expressão utilizada no texto faz remissão à outra, podendo ser implícita ou explícita, a qual vamos identificar pelo contexto. Segundo Koch (2004, p.244-245), as expressões anafóricas são “[...] aqueles grupos nominais que apresentam como função a remissão a elementos presentes no co-texto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes”, ou seja, a função principal da anáfora é a retomada de expressões anteriormente utilizadas.

A partir da classificação proposta por Koch (2004), o grupo das anáforas divide-se em: *anáforas correferenciais*, nas quais há a retomada de antecedentes textuais anteriormente expressos que podem se realizar por meio da *repetição total ou parcial* que ocorrem quando o núcleo da forma nominal ou pronominal é repetido na íntegra ou parcialmente; por *sinonímia ou parassinonímia* que ocorre quando a retomada efetua-se por uma expressão sinônima ou quase-sinônima; por *hiperonímia* dá-se quando a retomada ocorre por meio de um hiperônimo relacionado ao indivíduo-espécie, espécie-gênero; por um *termo genérico* efetua-se por meio de nomes genéricos, ou seja, que designam a mesma coisa; por *descrições nominais* ocorrem porque ao invés de utilizar a palavra é apresentada a sua descrição dependente do contexto; e as *anáforas não-correferenciais*, quando o referente é construído com base em um elemento presente no co-texto, que podem ser *indiretas*, ocorrem quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de relação com elementos presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo; *rotuladoras*, que se caracterizam pelo uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes do contexto, resumindo-os ou encapsulando-os sob um determinado rótulo, e ainda podem ocorrer por meio de *rotulações metadiscursivas*, em que não se resume o conteúdo de um segmento textual precedente, mas focaliza-se a própria atividade enunciativa, qualificando esse segmento como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva.

Nesse momento, vale dizer que, a partir de uma primeira análise dos dados, detectamos uma recorrência mais significativa dos tipos de anáfora pertencentes ao grupo das *anáforas correferenciais*. Dessa forma, na seção dedicada à discussão dos dados, trataremos, mais especificamente, dos tipos de anáfora localizados nesse grupo. Faz-se importante ressaltar também que, a partir dessa análise prévia, não detectamos uma ocorrência significativa de anáforas pertencentes ao grupo das *anáforas não-correferenciais*, o que não nos permitiu considerar esses tipos de anáfora na discussão dos dados selecionados para esta pesquisa. Sendo assim, passaremos a discutir, na sequência, as anáforas correferenciais.

Inicialmente, discutiremos as anáforas por repetição total ou parcial que ocorrem “quando o núcleo da forma nominal repete, na íntegra ou parcialmente, o núcleo do antecedente que está sendo retomado (KOCH, 2004, p. 245)”, ou seja, para a remissão ao antecedente utilizado anteriormente, o autor vai recorrer à repetição total ou parcial deste termo. Koch (2004, p. 245) nos traz exemplos dessa forma de retomada, como podemos observar na transcrição a seguir:

Doc. agora... éh:: não se fazia farinha?

Inf. o *fubá*?... ele é feito numa::... num *moinho de fubá*... o *moinho* tem uma *pedra* aliás aí acho que é:: igual pra... pra tudo né?... o *moinho* tem uma *pedra* que é a: *mó*... e a *pedra* vai virando e... e vai moendo os grão de milho... até transformar em *fubá*.

Doc. a *mó* é... e é movida a quê?... essa *mó*?

Inf. a *mó* é:: era... olha na na fazenda de Campinas sempre foi movida a eletricidade...( NURC/SP DID 18: 354-364).

Como podemos observar, a autora nos traz uma transcrição de um discurso oral, no qual ocorre a utilização de anáforas por repetição total e parcial. Como uso de repetição total, temos as palavras “moinho” e “pedra” que são repetidas várias vezes. Como repetição parcial, temos “fubá” e “moinho de fubá” que, como podemos ver, repete apenas uma parte do enunciado, no caso, a palavra “fubá”.

A anáfora pode efetuar-se também pela sinonímia que ocorre quando a “retomada de um antecedente efetua-se através de expressões sinônimas (KOCH, 2004, p.246)”, ou seja, ocorre quando, para não repetir a palavra, o autor do texto utiliza outra que representa o mesmo sentido. Koch (2004, p. 246) nos traz um exemplo desse tipo de retomada anafórica, do qual tratamos a seguir:

Os *bugios* não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para estes *símios* e outros animais da floresta, pela abundância de pinhões. (...) [Zero Hora, Caderno Vida, 17/05/1992, p.4].

No exemplo destacado, observamos a utilização de um sinônimo como exemplo de correferenciação anafórica, o qual é constituído pela palavra “bugios” que representa uma espécie de macacos. No enunciado posterior, a palavra é substituída por “símios”, um sinônimo que, por sua vez, apresenta o mesmo sentido.

A anáfora por parassinonímia é identificada quando “a retomada de um antecedente acontece por meio de uma expressão “quase-sinônima” (parassinonímia) (KOCH, 2004, p. 246)”, na qual um termo é retomado por outro que estabelece quase o mesmo sentido que o seu antecedente. Koch (2004, p. 247) nos mostra um exemplo para ilustrar esse tipo de retomada: “A *polêmica* parecia não ter fim. Pelo jeito *aquele bate-boca* entraria pela noite a dentro, sem perspectiva de solução”.

Como podemos observar, nas palavras destacadas, a anáfora por parassinonímia ocorre quando a palavra “polêmica” é retomada mais adiante pela expressão “aquele bate-boca”, que se configura em seu quase-sinônimo, visto que toda polêmica demanda uma discussão que pode configurar-se em um bate-boca entre os membros envolvidos na conversação.

Outro tipo de anáfora configura-se pelo uso da hiperonímia que ocorre quando a “retomada referencial dar-se por meio de um hiperônimo (indivíduo-espécie, espécie-gênero) (KOCH, 2004, p. 247)”, ou seja, a retomada acontece através da utilização de um nome que pode designar a espécie, o gênero ou o indivíduo mencionado anteriormente no texto. Koch (2004, p. 248) define melhor esse tipo de retomada quando nos traz o seguinte exemplo:

A *aeronave* teve de retornar á pista. O *aparelho* estava com defeito. [aparelho=aeronave]. Tive de levar o *liquídificador* para o conserto. O *aparelho* está com defeito. [aparelho=liquídificador].

No exemplo destacado, notamos que há retomada por um termo hiperônimo quando observamos a palavra “aparelho” retomando outras duas palavras inscritas anteriormente, no caso, “aeronave” e “liquídificador” que pertencem à classe descrita pelo termo “aparelho”.

A correferenciação anafórica também pode fazer uso da descrição nominal que ocorre quando há “uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto” (KOCH, 2004, p. 251), ou seja, segundo a autora, as descrições nominais são utilizadas para caracterizar algo dito anteriormente no texto, que depende do contexto no qual está inserido. Para ilustrar esse tipo de anáfora, temos um exemplo retirado de Koch (2004, p. 252):

O *prefeito* é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, principalmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais. [...]. ‘O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infra-estrutura, não na área rural que deve ser preservada’, repete o *urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia*. [Quem matou Toninho do PT? In: Caros Amigos 78, setembro de 2003, p. 27].

Neste caso particular de anáfora, temos um fenômeno muito interessante que se constitui pela retomada não por uma expressão apenas, como ocorre, por exemplo, com a anáfora por sinonímia, na qual a palavra é substituída por outra que apresenta o mesmo significado que a anterior. Na anáfora por descrição nominal, temos um enunciado inteiro que faz referência a uma expressão utilizada anteriormente, como no exemplo acima, no qual a palavra “prefeito” é retomada no texto pelo enunciado “o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia”.

Na seção seguinte, discutiremos nossos dados, a partir desta classificação proposta por Koch (2004), buscando detectar a regularidade das anáforas empregadas, como também explicações que justifiquem o emprego das expressões utilizadas nos textos.

### 3. Discussão dos dados

Como já dissemos anteriormente, os textos analisados durante a pesquisa foram produzidos durante uma atividade realizada em sala de aula, na disciplina Produção Textual, ofertada no 1º período do curso de Letras, do CAMEAM/UERN, durante o semestre 2011.2, na qual os alunos responderam a um questionário sobre as suas experiências pessoais “com o texto, sobre o texto e o ensino do texto”. As perguntas apresentadas no referido questionário eram as seguintes: Como você se vê como produtor de textos? Que textos você costuma (va) redigir?; Relate a sua experiência com a produção de textos; O que você considera ser um bom texto? Que aspectos você acredita que devem ser considerados numa produção textual?; Que aspectos você considera importantes na correção de um texto?; Que textos foram mais cobrados pelos professores no Ensino Fundamental? E no Ensino Médio? Como se dava a correção desses textos? E como você vê o papel da correção de textos feita pelo professor nas escolas?; Que destino final era dado a esses textos?; Que orientações eram dadas para a

produção textual?. Depois de responder às questões, os alunos produziram um texto a partir das respostas dadas ao questionário.

Desta forma, foram produzidos dezenove textos. Com uma primeira análise, detectamos trinta e uma expressões anafóricas, classificadas a partir de três diferentes tipos de retomadas textuais. Sendo dezessete por “anáfora com repetição total”, sete por “parassinonímia” e sete por “repetição parcial”. A seguir, alguns exemplos dos resultados da análise das expressões anafóricas utilizadas nos textos.

Começaremos nossa discussão pelas *anáforas por repetição total e parcial*, que se constituem pela repetição total ou parcial do enunciado utilizado anteriormente. Esse tipo de anáfora foi o mais utilizado nos textos analisados. Temos um exemplo da anáfora por repetição total no texto “Expondo minha experiência pessoal”, como podemos observar no fragmento destacado:

“A minha experiência com *textos* é um pouco carrente, acredito que seja por falta do abto de escrever e ler *textos* [...]”.

No trecho destacado, ocorre a anáfora por repetição total porque a palavra “textos” é repetida na íntegra, retomando a expressão inscrita anteriormente.

Já no texto “Escrever: mais que uma paixão, um desafio”, temos um caso de anáfora por repetição parcial, como podemos detectar pelo seguinte fragmento:

“No ensino fundamental foi trabalhado somente um *gênero textual*, [...] dificuldades para se adequar aos novos *gêneros* [...]”.

A anáfora por repetição parcial é detectada tendo em vista que o autor do texto não repetiu toda a expressão utilizada anteriormente “gênero textual”, apenas parte dela com a palavra “gêneros”. Esse tipo de anáfora é muito comum nos textos que não repetem exatamente as mesmas palavras com as quais mantêm uma relação de sentido e, dessa forma, os alunos vão utilizar termos como esses para lhes auxiliarem em suas produções de textos.

Este tipo de anáfora, tanto a repetição total como a parcial, ocorre muitas vezes pela falta da prática de leitura do autor, a qual possibilitaria uma ampliação de seu vocabulário e, conseqüentemente, facilitaria a busca, em sua memória, por um termo que substitua as palavras utilizadas anteriormente sem afetar o sentido que se pretende veicular no texto.

A *anáfora por sinonímia* que ocorre quando o referente é retomado por uma palavra que estabelece o mesmo sentido que o seu antecedente, é encontrada no texto “Minha experiência com o texto, no ensino médio foi marcante...”, como observamos no seguinte fragmento:

“É claro que não podemos destacar os detalhes ortográficos desse texto e a sua *coerência*. Pois as vezes, [...] tema que não tem nenhum *sentido*”.

Na expressão destacada, para não repetir a palavra “coerência”, o autor utilizou como um sinônimo a palavra “sentido”. Isso ocorre porque o autor do texto entende que, quando em um texto são utilizadas muitas repetições, o mesmo fica pobre e perde muito do seu sentido. E, para evitar que isso aconteça, ele substituiu a palavra anterior por seu sinônimo, deste modo, não há repetições e o sentido do texto não é afetado.

Em nossas análises, também encontramos anáforas por parassinonímia que se efetuam quando o referente anafórico é retomado por uma palavra que estabelece uma relação quase sinônima com a sua antecessora. Como podemos observar no fragmento retirado do texto “Minha experiência pessoal com o texto”:

“Na *vida estudantil*, o ensino da produção textual (...), pude comprovar na minha *experiência escolar* (...)”.

Nesse trecho, a expressão “vida estudantil” é substituída por “experiência escolar”, que estabelecem quase o mesmo sentido e, para não haver repetição, acontece a substituição da expressão anteriormente utilizada por uma parassinonímia, como um recurso que nos permite estabelecer uma relação quase sinônima entre uma expressão e outra. Com o entendimento de que um bom texto não deve apresentar muitas repetições, o que acarreta em

um texto sem novidades, os autores conseguem, por meio de uma palavra quase sinônima, uma forma de evitar as repetições, o que faz com que esse recurso se torne fundamental para a prática da produção textual.

A *anáfora por hiperonímia* ocorre quando uma palavra é substituída por um hiperônimo que se configura pela relação entre indivíduo-espécie, espécie-gênero. Um exemplo desse tipo de retomada é encontrado no texto “Professora meus primeiros contatos...”:

“O foco tornou-se maior em textos *dissertativo-argumentativos*. (...) tomei gosto por *esse gênero*”.

Nesse fragmento, a expressão “textos dissertativos-argumentativos” é retomada logo em seguida pelo termo “esse gênero”, na qual “gênero” designa a classe de palavras a qual pertence a expressão “dissertativo-argumentativo”. O autor do texto utilizou essa expressão hiperônima para evitar a repetição da mesma expressão, especificando, assim, a classe à qual pertence o primeiro termo utilizado. Esse tipo de retomada não é muito utilizado, visto que julgamos ser mais difícil utilizar um hiperônimo do que, por exemplo, repetir a palavra ou realizar a retomada por meio de um sinônimo, como já foi visto anteriormente.

A *anáfora por descrição nominal* ocorre quando o referente é retomado mais adiante por um enunciado que se utilizará da descrição para se referir ao conteúdo exposto anteriormente. Retiramos um exemplo desse tipo de anáfora do texto “Professora meus primeiros contatos com texto foram pessoais”, o qual descreveremos a seguir:

“Na escola os *professores* geralmente nos davam temas para textualizar e faziam a correção em suas casas. *Alguns deles* avaliavam bastante a minha caligrafia, acentos, e estética”.

Como podemos observar, a palavra “professor” é retomada mais adiante pela expressão “alguns deles” que se constitui, nesse caso, em uma descrição nominal. Dessa forma, podemos ver que o autor do texto, a partir de seu conhecimento de mundo, conseguiu encontrar uma expressão que funcionasse para substituir a palavra “professor” sem alterar o contexto no qual sua produção está inserida. Esse tipo de ocorrência é muito comum, quando para não repetimos uma palavra em um texto, podemos utilizar a sua descrição ou seu conceito. A descrição nominal é outro tipo de anáfora que não é muito utilizada, tendo em vista o seu grau de complexidade, uma vez que se torna muito mais fácil para o autor, no momento da escrita, utilizar a repetição ou até mesmo um sinônimo, do que encontrar uma descrição que se encaixe no texto sem afetar o seu sentido.

Diante destes resultados, podemos observar que o tipo de anáfora mais utilizado nos textos escritos pelos alunos do 1º período do curso de Letras, da disciplina Produção Textual do CAMEAM/UERN, foi a anáfora por repetição total que, se utilizada de forma exagerada, causa a perda da qualidade dos textos, pois, para que um texto seja considerado um bom texto, é aconselhável que as retomadas sejam diversificadas. Possivelmente, esse resultado justifica-se pelo fato dos alunos chegarem à universidade com um nível de leitura muito baixo, acarretando uma utilização exagerada da retomada de termos através da repetição total, o que nos leva a constatar que o vocabulário lexical destes alunos é pobre.

Assim, para que se produza um bom texto, o autor deverá exercitar uma prática diária de leitura, em conjunto com atividades de escrita, o que irá ampliar o vocabulário dos usuários de uma determinada língua. Dessa forma, esses conhecimentos adquiridos através da leitura e da escrita serão refletidos, naturalmente, nas produções de textos. Vinculada à prática da escrita temos a reescrita que se torna fundamental para a produção textual, pois é por meio dela que os alunos têm a oportunidade de rever seus textos, para que possam propor uma nova versão.

Na tentativa de buscar uma explicação para tantas ocorrências de anáforas por repetição total e parcial, procuramos estabelecer uma relação com o ensino de língua materna, constatamos que, segundo Antunes (2009), o ensino está totalmente voltado para a gramática,



desconsiderando, assim, a produção textual, o que resulta em produtores de textos ineficientes.

Sabemos que, quando a escola resolve ensinar a produção textual a partir das “aulas de redação”, na maioria das vezes, ela não prepara o aluno para uma produção de textos eficiente, propondo um ensino de redação que sugere uma espécie de forma para que os alunos possam encaixar o seu texto. Nesse sentido, Antunes (2009) nos mostra um comentário feito por um aluno do 3º ano do Ensino Médio, que havia lhe contado que seu professor de redação tinha ensinado que em uma redação não se deve usar mais de quatro “que”. De acordo com o que a autora discute, o comentário do professor parece equivocado, uma vez que os professores devem ensinar aos seus alunos que eles podem repetir as palavras em um texto, só que devem tomar cuidado para que essas repetições não escapem do seu controle e o texto seja constituído basicamente por elas. Contudo, antes disso, a escola e, principalmente, os professores de línguas deveriam inserir seus alunos no mundo da leitura, do estudo dos diferentes gêneros e tipos textuais, para que, aos poucos, eles fossem se familiarizando com o mundo da escrita, de como se deve escrever para ser compreendido por aqueles que terão um contato posterior com seus textos.

Com esta pesquisa, chegamos à conclusão de que os alunos, no momento da escrita de seus textos, vão utilizar a anáfora por repetição total ou parcial de forma mais significativa, tendo em vista que estas apresentam uma maior facilidade de manipulação, sendo, pois, mais fácil repetir uma determinada palavra do que procurar um sinônimo ou um hiperônimo que estabeleça uma relação de co-referencialidade com aquela palavra utilizada anteriormente. Conforme já apontamos, somente a partir de uma prática diária de leitura, conseguiremos realizar estas operações de forma mais eficiente, pois, dessa forma, passaremos a construir em nossas mentes uma espécie de “dicionário”, ao qual poderemos recorrer no momento da produção de nossos textos, o que tornará mais simples a substituição de uma palavra por outra, para evitar as repetições, mantendo, ainda, o sentido original do texto.

## **Conclusão**

Após a análise do *corpus*, constituído de dezenove textos, detectamos a ocorrência de trinta e uma expressões anafóricas, divididas em três tipos de retomadas anafóricas, sendo: dezessete por “anáfora com repetição total”, sete por “parassinonímia” e sete por “repetição parcial”. Como pudemos observar, as anáforas mais empregadas foram aquelas que se realizam por “repetição total”. Acreditamos que este resultado justifica-se pelo fato da anáfora por repetição total apresentar maior facilidade em sua utilização, uma vez que repete palavras ou expressões já empregadas anteriormente no texto, não exigindo, assim, por parte do produtor, o domínio de um vocabulário mais amplo, o qual poderia ser utilizado na efetivação de possíveis substituições inerentes à construção de sentido dos textos.

Conseguimos observar, ainda, que os outros tipos de anáfora não foram utilizados de forma significativa, uma vez que exigem, por parte dos autores dos textos, um esforço maior na busca de uma palavra que possa estabelecer algum tipo de relação com aquela utilizada anteriormente, o que leva ao emprego das repetições que se constituem em operações mais simples e, conseqüentemente, de maior facilidade em sua manipulação.

Como perspectiva de aplicação para esta pesquisa, acreditamos que estes resultados possam ser levados ao contexto da sala de aula, como forma de fazer com que os professores possam rever as orientações dispensadas às atividades de produção de textos, buscando uma reflexão, por parte dos alunos, sobre a funcionalidade da escrita e o entendimento de que esta atividade deve ser considerada como um processo, para o qual haverá sempre a possibilidade de alteração. Acreditamos, também, que a escola deve, cada vez mais, incentivar a prática da leitura, como forma de fazer com que os alunos possam ampliar seu vocabulário e, assim,

escrever com mais facilidade, evitando as repetições, e efetivar substituições sem alterar o sentido que pretendem veicular em seus textos.

No que diz respeito às limitações que se apresentam para os trabalhos que pretendem investigar a escrita, citamos, ainda, certa resistência, por parte dos produtores, em disponibilizarem seus textos, como forma de procurar preservar suas particularidades no momento da produção. Acreditamos também que essa resistência se justifica pelo fato dos produtores temerem uma avaliação por parte daqueles que terão acesso aos seus textos. Sendo assim, os pesquisadores da área devem realizar um trabalho de conscientização na tentativa de confirmar que a escrita constitui-se de um processo e, que por isso, todo texto é passível de observação e, conseqüentemente, de alterações.

## **Referências**

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Lingüística Textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

KOCH, I. G. V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. **Sentido e significação**. Em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 244-262.

KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.